

uma mesma palavra tem diversos equivalentes na outra língua, com nuances significativas diferentes. É o caso de “terra”, em português, que traduz diversas palavras do inglês, como *earth*, *land* e *dirt*, sem, contudo, expressar as distinções de significado implícitas nessas palavras.

Quanto às expressões idiomáticas e de gíria, às vezes o tradutor encontra seu equivalente quase literal na outra língua, outras vezes precisa valer-se de expressão diferente, mas com sentido aproximado. O mesmo acontece com os provérbios e ditos populares, que muitas vezes são criações regionais. Por exemplo, no início do Capítulo 2, Davidson introduz a questão das planilhas de custo-benefício contando sua indecisão quanto à compra de um carro novo, já que ele era adepto da ideia de que um veículo “deveria ser usado até cair aos pedaços” (“*drive-it-til-it-drops*”). Ele credita esse hábito à sua criação escocesa (os escoceses são tidos como seguros em matéria de gastos) e se decide a trocar de carro ao lembrar as palavras do avô econômico dizendo que, apesar de tudo, ao morrer não se pode levar o dinheiro. A frase do avô, “you can’t take it with you” foi convertida no dito popular brasileiro “caixão não tem gaveta”, mais em sintonia com o tom meio brincalhão do texto que precisava ser preservado.

Já na esfera estilística, o *estrato fônico* determina a seleção do léxico e da construção sintática (*word order* incluída) que melhor se coadunem com o tom geral da exposição – no caso, um tom coloquial e leve. No mesmo capítulo, e ainda falando sobre a hipótese de comprar um novo carro, Davidson conjectura se deveria incluir um aparelho de som em seu veículo. Fazendo graça, o autor deliberadamente tira partido da sonoridade da língua valendo-se de aliterações para criar um efeito de estilo imitando os ruídos do carro e da música: “[...] boogying to some bebop in my new buggy” (grifo nosso). Para manter a coloquialidade beirando a gíria e também o recurso à aliteração, esse trecho transformou-se em: “[...] cantarolar uma canção legal no meu carango” (grifo nosso). Como se percebe, traduzir vai um pouco além de transpor um texto para outra língua, palavra por palavra, e esperamos ter alcançado um resultado satisfatório. Cabe aos leitores de *Ninguém come PIB* conferir isso quando o livro for lançado no mercado brasileiro em 2011.



A COR DO BAMBA Kiko Ferreira¹

Vida é um souvenir made in Hong Kong

Autor: Zeca Baleiro

Ilustrações: Roger Mello

Goiânia: Editora UFG, 2010

Olhai os líricos do campo. Deles será a melhor visão dos arranha-céus. Como paisagem ou ponto de visão, decks de observação.

Zeca Baleiro é poeta dos que provam, por ar mais beijo, que letra de música pode ser poesia.

“Zen outsider”, bamba de tênis bamba e voz destilada em asfalto e ondas de rádio, sua voz giratória com cores diversas de drops dulcora é sintética. Como síntese. E não como artifício.

Vida é um souvenir made in Hong Kong é um título perfeito para quem manipula signos, imagens, memórias e projeções de futuros como artesão de lixo reciclável, iconoclasta irreverente de imagens circenses, à beira do desequilíbrio.

O certo retorcido e distorcido pela ótica ética de estética plurivocal de Zeca é candidato ao talvez, ao quem sabe, ao território do sonho onde o surreal se permite como quase norma.

¹ Poeta, crítico de música e radialista

O baleiro maranhense conhece bem a história da música de seu tempo e de outros tempos de outrora e futuros. E revisita, vira do avesso, usa como referência e subverte imagens e versos impressos em tinta indelével na alma brasileira.

Se Bob Marley visitou São Luís num ônibus de sonho vindo da Babilônia e lá deixou sua influência, Zeca sentencia: “kaya now to me / o céu seja aqui” (“Babylon”). Com direito a um hedonismo que rima mais com reggae do que com o raga: “minha religião é o prazer”.

A arte “moderna”, cheia de truques cifrados e manhas de igrejinhas, recebe crítica do leitor das pertinentes restrições do poeta Ferreira Gullar em “Bial”. “Pra entender um trabalho tão moderno / é preciso ler o segundo caderno”, ironiza o artista que costuma presentear jornalistas de pouca vivência com obras básicas musicais, para elevar o nível das conversas.

Se outro poeta sentenciou que a solidão é um Saara, Zeca destila em filtro mentolado que “a solidão é meu cigarro” (solidão que não se cura com aspirina) e confessa o vício em letras e músicas: “minha canção é meu socorro”. Tudo na mesma “Cigarro” em que finge ignorância de Pessoa em tempos de falsos intelectos: “não sei de nada e não sou de ninguém”.

Sem temer bulir com clássicos estabelecidos, emula o sorriso que rima com caminho de Nelson Cavaquinho em “Piercing”: “tire o seu piercing do caminho que eu quero passar com a minha dor”.

Independente (“Minha Tribo Sou Eu”), “mais sozinho que um elevador vazio”, confessa não depender de estruturas consagradas para chegar ao espírito das coisas e às coisas do espírito: “não trago padres na alma” (“Piercing”).

Famoso que não se mira como mira de paparazzi e colunistas de falsas utilidades, mantém a vida particular em particular e não discute em público casamento e preferências cotidianas. “Será que eu estou bem / na capa da revista?” (“Balada para Giorgio Armani”), pergunta enquanto critica os modos da moda e a capacidade de subverter ideias e posturas num verso de quem flagrou o rei nu: “eu vi o mano Mano Brown vestindo Gap na tv” (“As Meninas dos Jardins”). Para completar, o flash disparado sobre as meninas da nobreza quatrocentona de São Paulo e suas compras em linguagem cifrada, lembra que a fama que ergue destrói coisas belas: “ninguém é alto o suficiente que não possa rastejar”.

O poeta que anda “fora do prumo / na sociedade do consumo” aplica a relatividade no megahit “Vai de Madureira”: “se não tem água Perrier eu não vou me aperrear / [...] / quem não pode Nova York vai de Madureira”. Na mesma faixa, mais um referência cruzada, agora ao chiclete com banana de Jackson do Pandeiro: “só ponho Reebok no meu samba / quando a sola do meu Bamba chegar ao fim”.

O compositor que “engrossa o coro dos com dentes” e se diz “escravo da paixão sem guia”, ironiza o fim da poesia (“a poesia está morta / mas juro que não fui eu”, em “Mundo dos Negócios”), recheia seus versos de referências a favoritos como Macalé, Melodia, Baudelaire, Rimbaud e outras leituras.

Reverencia o sabido e conhecido (“tenho a memória de tudo que existe”) enquanto crava uma de suas melhores imagens em “Amargo”: “eu faço sala pro tempo”. Mas defende rolar como pedra para não criar limbo em “Minha Casa”. “É mais fácil cultuar os mortos que os vivos”, observa, antes de confessar: “não quero ser triste como o poeta que envelhece / lendo Maiakovski na loja de conveniência”.

Inconveniente como devem ser os artistas que se (des)respeitam e tratam o interlocutor como merecedor de inteligência e criatividade, Zeca Baleiro é um criador típico de um tempo em que o excesso de informação leva a vazios e buracos negros que só podem receber luz de quem tem formação sólida e generosidade suficiente para criar túneis e atalhos.

Neste livro o leitor vai encontrar ideias originais, versos provocantes, palavras de (des)ordem para gritar em comícios de toda sorte, histórias para contar e cantar no bar, lirismo e humor dosados com inteligência de um observador de visão original e, ao mesmo tempo, confortavelmente familiar.